



ESPAÇOS REGIONAIS, IDENTIDADES PLURAIS: REFLEXÕES EM TORNO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE/EM MATO GROSSO

Olga Maria Castrillon Mendes<sup>1</sup>

**Resumo:** Nos espaços em que se configuram as culturas de “margem” estas reflexões preocupam-se, não simplesmente com os intrincados caminhos da dependência, mas com a situação da produção cultural no entrecruzar de discursos, no pacífico *entre-lugar* ou no texto da diferença (SANTIAGO, 1982), em busca de uma legítima expressão brasileira. Nesse aspecto, uma ampla discussão não ignora a tradição nem os novos padrões literários, mas reencena-os em outras temporalidades, abrindo-se para a pluralidade dos conceitos, o reconhecimento estético e a constituição do sistema literário.

**Palavras-chave:** Identidades. Espaços regionais. Sistema literário.

**Abstract:** In the spaces that constitute the culture of “margin” these reflexions are concerned not simply with the intricate paths of addition, but with the situation of cultural production in the interlacing of speeches, in-place or common ground between the text of difference (Santiago, 1982), in search of a legitimate expression of Brazil. In this respect, a broad discussion does not ignore the tradition or the new literary standards, but reenacts them in other temporalities, opening to the plurality of concepts, recognizing the system’s design aesthetic and literary.

**Keywords:** Identity. Regional areas. Literary system.

As idéias que trago aqui encontram-se em fase de elaboração, portanto, não conclusivas. Em parte, resultaram da minha tese de doutoramento em que rediscuto a amplitude artística e literária da obra de Alfredo Taunay (Visconde de Taunay) numa proposta de revisão do gênero paisagístico e da historiografia literária brasileira, a partir do conjunto da sua obra, fruto das experiências em situação-limite na Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), principalmente *A retirada da Laguna* (1868) e *Inocência* (1872). Agora, tais discussões imbricam-se numa perspectiva mais abrangente. Não apenas aquelas resultantes de uma escritura mais pulverizada, mas a compreensão delas e das “regiões culturais” que aproximam e distanciam os conceitos pelos quais se tem compreendido os espaços e as produções ditas de “margem”.

<sup>1</sup> Professora Dr<sup>a</sup> da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus universitário “Jane Vanini”. Docente do PPGEL/UNEMAT.

Então, o que parecia ser não é mais. Os discursos se entrecruzam, reconfigurando culturas e nunca a obra de Marshall Berman esteve tão cadente. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, texto-símbolo da modernidade, levantou muitas discussões sobre as linhas de força da modernidade: tensões econômicas e políticas que provocaram profundas transformações no planeta a partir do estudo da dialética da modernização e do modernismo.

Sob essa perspectiva da observação do mundo como uma unidade em que as ilhas, as pessoas, os mares e os céus são apenas caminhos dentro de um mesmo sítio, como diz a escritora cabo-verdiana Dina Salústio, teoria e prática se interpenetram e as culturas redesenham fronteiras múltiplas. Nessas tensões, as práticas humanas não se restringem apenas ao que se faz, mas atingem outras áreas do conhecimento, articulando processos de significação dos novos tempos em que o papel dos intelectuais e da Academia está sendo rediscutido. Angel Rama (2001, p. 293) acredita no século XX como um tempo de resistências em que se encontra valiosa contribuição que reexamina a conquista e colonização do século XVI". Como Berman procurou analisar o chamado "espírito da modernidade" com suas histórias e tradições tão necessárias no mundo contemporâneo.

Então, o sentido de região pode ser importante para romper com a ideia de hegemônico, pois não há hegemonia totalizadora, como diz Stuart Hall, mas identificações porosas dentro delas mesmas (HALL, 2006). O deslocamento humano que gerou diversas práticas sociais, construíram formas de pensar (e escrever) o mundo que deram origem às idéias equivocadas sobre o que se passou a compreender como mundo subdesenvolvido (em relação ao ocidente). Sobre esse mundo (que é o nosso) é que pretendo conduzir estas reflexões iniciais que podem servir de pistas, principalmente para alunos de graduação, cujos trabalhos procuram (ou buscam) se manter plugados nas transformações pelas quais tem passado as Ciências Sociais e Humanas.

Os conceitos pelos quais se tem tentado compreender os dualismos estabelecidos pelos diferentes processos históricos, mudam paradigmas e movimentam idéias pré-estabelecidas. A cultura brasileira resulta desse processo de indagação e resistência, traçando as particularidades da literatura conhecida como "regional" e sobre a qual se questiona, procurando, de certa forma, fazer com ela o que se faz na América Latina como um todo, principalmente através das reflexões de Angel Rama. Interessa-nos, desta forma, compreender a alteridade cultural e a conseqüente construção do imaginário brasileiro no contexto do imaginário latino-americano, desmascarando a distancia que, muitas vezes se presentifica mais pela prática que pelos discursos. Perante o centro somos menores, mais empobrecidos o que tipifica a bipolaridade na América que Angel Rama denomina de "transculturação interna" em contraposição à "transculturação externa" (RAMA, op. cit., p. 295). O crítico uruguaio propôs importantes conceitos para se pensar regiões culturais no continente americano. Segundo Rama, o que se pensa sobre hegemonia cultural é bastante ideológico e está ligada à historicidade latino-americana. Ou seja, na pretensa unidade há uma diversidade interior pela qual se tem compreendido o continente.

Nesse sentido, as culturas registram particularidades nem sempre visíveis e muitas vezes mal compreendidas. Muitos críticos, dentre os quais Antonio Candido, tentaram formas de equilíbrio entre elas, valorizando a função das obras em sua relação com o papel que

podem exercer na sociedade, principalmente, quando se preocupa com aquelas consideradas “secundárias” que formam leitores de “gosto provinciano” (CANDIDO, 1997, p. 9). A posição de Candido é importante para se repensar posturas, principalmente, no momento em que se solidificam os parâmetros de uma pós-graduação em Estudos Literários, numa Universidade como a UNEMAT, que nasceu do interior para ser do interior”, sem no entanto, enclausurar-se.

No ensaio *Literatura e subdesenvolvimento*, Candido ressalta que:

o romancista do país subdesenvolvido recebeu ingredientes que lhe vêm por empréstimo cultural dos países de que costumamos receber as fórmulas literárias. Mas ajustou-as em profundidade ao seu desígnio, para representar problemas do seu próprio país, compondo uma fórmula peculiar (CANDIDO, 2006, p. 187).

Desta forma, o estado de dependência cria recursos para uma proposta de interdependência, como o que tem acontecido em Mato Grosso. Uma posição bem nossa, pois ao reconhecer a dependência somos levados a recriar, revelando um universo de produção singular, dando vida à essência que constitui os sentimentos próprios, sem riscos de repetição, mas de recriação.

### Articulações/diálogos para além do ‘centro’

A produção literária em Mato Grosso tem relação com a formação de grupos pioneiros que tinham a preocupação de “resgatar” a cultura que não se podia perder, tendo em vista o processo migratório pelo qual passou a região, principalmente a partir da década de 1960. Assim, compilaram estudos anteriores e construíram a crítica, basicamente saída de dois segmentos sócio-culturais: o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919) e a Academia Mato-grossense de Letras (1921). Nos primeiros tempos dessa produção, sua veiculação era feita através dos periódicos em grande número na capital e no interior<sup>2</sup>.

Ao lado dessa coletânea, Rubens de Mendonça editou o compêndio de escritores regionais *História da literatura mato-grossense* (1970), constituindo referência básica para os estudiosos, que foi complementado pela *História da Cultura mato-grossense* de Lenine Póvoas (op. cit.), *História da literatura de Mato Grosso: século XX*, de Hilda Magalhães (2001) e *Panorama da literatura e da cultura de Mato Grosso*, de Carlos Gomes de Carvalho (2004). São produções que carecem de um olhar mais crítico sobre as obras e, principalmente, sobre as questões de uma literatura ‘periférica’. Não para diminuir o seu valor, mas sim demonstrar o quanto o pioneiro processo de compilação das obras e autores contribuiu para que se formasse o panorama que seria estudado posteriormente, adquirindo características próprias e possibilitando, a partir daí, a construção de um sistema literário, cujas raízes podem ser encontradas nos escritos fartamente publicados em periódicos. Observando esse veículo de divulgação, Mário César Leite mapeia a produção brasileira

<sup>2</sup> Cf. os registros feitos por Lenine Povoas em *História da Cultura mato-grossense*. Cuiabá-MT, 1982.

escrita em Mato Grosso, dizendo que “os grupos dos chamados modernistas reagem ao domínio do grupo anterior, não se opondo exatamente à produção ou ao discurso regionalista” (LEITE, 2005, p. 242-243)<sup>3</sup>.

Desta forma, os escritores que surgiram no período de construção, como Silva Freire, Wladimir Dias-Pino, Rubens de Mendonça, Gervásio Leite, Lobivar de Matos, entre outros, trazem a ideia de vanguarda, buscando certa “renovação literária”. Portanto, são discursos que começam a ser observados à luz da *diferença*, mas ainda sob os influxos de intelectuais que se formaram nos centros de excelência como Rio de Janeiro. Uns inovam no tema, outros na experimentação linguística, realizando (ou tateando) as propostas das Revistas e movimentos ditos de vanguarda.

Nesse aspecto, ainda são fortes as marcas de pertencimento em que a noção de regionalismo está impregnada, basicamente fomentada pela força dos grupos hegemônicos de poder. Somente a partir da década de 1990 é que lentamente a ideia vai-se desligando do espaço físico para um recente espaço simbólico das representações pelo qual se compreende o complexo da formação dos processos identitários.

Nessa perspectivam pensando sobre a identidade e a cultura, Néstor Canclini (2003) relativiza os conceitos. Lançando mão de uma abordagem interdisciplinar e intercultural tenta compreender o diálogo entre as culturas, estabelecendo o esforço de afirmar o fenômeno da “hibridação” cultural nos países latino-americanos. Dessa forma, a cultura é pensada na complexidade das relações da forma como se configuram na modernidade, o que para ele “não terminou de chegar”. Sem deixar de lado os termos, repensa a identidade sob novos pares como sincretismo e criouliização, permitindo-se elaborar as “tensões das diferenças”, que fazem com que o individual passa a ser universal. Então, é necessário reconhecer as diferenças, sinal que Boaventura Santos trata como “postura de auto-conhecimento” e não só de conhecimento, reacendendo as reflexões e “ultrapassando as fronteiras, o nacionalismo, a língua, a ideologia, as novas identidades regionais e locais” (SANTOS, 2003, p. 22). Por isso, o discurso regionalista acompanha o de identidade(s), não menos polissêmico e fluido, pois no momento de transição paradigmática, é preciso identificar as virtualidades e as dificuldades da sociedade e dos sujeitos, atingindo os modos de conhecer que devem estar ligados à transformação dos modos de organizar a sociedade.

Com tais reflexões, a análise dos diversos processos culturais redefine formas de conflito geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização da América Latina, cujas operações epistemológicas encontram-se enriquecidas por Homi Bhabha, vistas como recursos para reconhecer o diferente e elaborar essas tensões. Nesse aspecto, é que as fronteiras se tornam “porosas”. Ou seja, a modernidade descontextualizou a identidade, propondo revisões de paradigmas sobre os discursos e as práticas sociais. Assim, usando Fanon para interrogar a identidade, Homi Bhabha desloca a relação colonial para colocar o sujeito no momento de transição “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente,

<sup>3</sup> Sobre periódicos em Mato Grosso ver os trabalhos pioneiros de Yasmin Nadaf: *Sobre o signo de uma flor: estudo da Revista A Violeta*, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes: 1915 a 1950 (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993) e *Rodapé de Miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (sec. XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002. Cf. ainda ALMEIDA, Maria Inês Parolin (2003).

interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19). São recontextualizações que mudam o olhar na direção de reelaborar idéias cristalizadas, como as que se dão quando se pensa em regionalismos e identidades.

Desta forma, os movimentos de circulação e inserção de uma estética da identidade nacional abre-se para a constituição do imaginário cultural da literatura para além do hierárquico e homogêneo, para ensaiar uma perspectiva do heterogêneo e do plural na constituição da historiografia literária. Nessa linha, os textos produzidos em Mato Grosso são discursos que permitem discutir o alargamento das fronteiras do que se concebe por cânone, ressignificando o papel das margens na sua reconfiguração

Os *topoi* representativos do que se considera esteticamente *localizado* constroem discursos que orientam, e mesmo, determinam uns sentidos e encobrem outros, produzindo evidências que se ligam em campos de disputa e elaboração constantes. Pois não é pela classificação literária tradicional, nem pela forma estereotipada que esse *local* deve ser trazido como matéria de composição, mas pela universalidade de conceitos que operam a história da sociedade.

Ao discutir sobre os discursos culturais que redesenham práticas humanas nos espaços contraditórios, há uma tentativa de ressignificação das diferenças. As representações literárias que constituem os não lugares dos discursos homogêneos criam gestos de interpretação do sujeito em espaços que modificam o “modo de falar” sobre literatura, regionalismo e identidade (CANCLINI, 2003), traçando caminhos para compreender a porosidade dos conceitos, no sentido de reencaminhá-los por um sistema plural de significação, no trânsito das figuras complexas de diferença e identidades que contribuem (ou não) para a construção de imagens e estereótipos. Nesse sentido, é preciso analisar as convergências dos fatores locais, ao mesmo tempo nacionais e universais que identificam uma literatura brasileira autônoma (CANDIDO, 1997) que vai da noção de fundação à pluralização dos sistemas.

As fases pelas quais tem passado a produção cultural em Mato Grosso podem ser entendidas, grosso modo, por momentos significativos e que merecem cuidadoso estudo. O primeiro momento, da formação, parece ser fundamental para se compreender a manutenção do ranço colonial dos primeiros textos de criação - louvação dos ilustres, isolamento e exotismo da terra que são ressaltados pelos relatos dos cronistas e das expedições científicas<sup>4</sup> que compreendo juntamente com aqueles que os tratam como *textos de fundação* da imagem de um Brasil interior que se queria conhecido e explorado e que Antonio Candido examinou como “ralas e escassas manifestações sem ressonância, mas que estabelecem um começo e marcam posições” de uma cultura em formação (op. cit., p. 15).

Num segundo momento, de esboço de um “sistema literário” envolve uma “consciência de grupo” (CANDIDO, *ibidem*) liderado, principalmente, por integrantes da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse aspecto é importante verificar a função dos periódicos em número considerável que foram responsáveis pela circulação dos folhetins que adquiriram características diferenciadas, “atestando total independência do perfil consagrado do gênero nos grandes centros mun-

<sup>4</sup> Em *História da cultura mato-grossense*, Lenine Povoas propõe essa divisão na primeira fase da produção colonial em Mato Grosso (Cf. PÓVOAS, 1982, p. 19-31).

diais de cultura: Paris e Rio de Janeiro” (NADAF, 2002, p. 207). Nesse período surgem os primeiros romances: *Luz e sombras*, de Feliciano Galdino de Barros (1917), *Mirko*, de Francisco Bianco Filho (1927), *Piedade*, de José de Mesquita (1928) e *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien (1944). Personagens e espaços emblemáticos configuram a necessidade, não de divulgar o local, mas discutir questões sociais e de gênero humano que poderão ser vistos em outra discussão.

Nesse sentido de uma produção sistematicamente voltada para as singularidades, o momento de construção da crítica acadêmica é fomentada pelas universidades públicas que têm desempenhado um papel fundamental na socialização da crítica e na construção da teoria e da história literária. O exemplo mais significativo encontra-se no conjunto da obra poética de Manoel de Barros, a prosa-porosa de Ricardo Guilherme Dicke, dentre outros e a revisitação de obras raras (como as citadas acima), num esforço conjunto UNEMAT e Academia Mato-grossense de Letras, no projeto específico de revitalização das letras mato-grossenses.

Tais textos são constitutivos dos sentidos dos discursos sobre o Brasil e formam os arquivos que se fazem não só como registro e guarda de documentos, mas com diferentes gestos de leituras necessários à construção do fazer literário, definitórios dos caracteres do valor e da função das obras.

Então é necessário destruir as realidades bem constituídas em nosso imaginário como “sertão bruto”, “inculto povo”, “longínquos rincões”, como propõe Benedict Anderson e se voltar para o estudo das particularidades sem a noção de pertencimento, mas num processo de “desterritorialização”, ligando o conceito de nacionalidade à “comunidade imaginada”, no sentido de criação de novas formas de construção. Dessa maneira, nega-se a verdade absoluta e o texto sacralizado, pois os acontecimentos co-existem no mundo e são compartilhados (ANDERSON, 1983) como são propostos em projetos interdisciplinares, a exemplo, *Sociedades imaginadas: a construção da imagem do outro nas relações ibero-afro-brasileiras*. (Unemat/CNPq – 2007/2009), ocasião em que a História e a Literatura buscaram compreender como as relações de produção entre países considerados de margem construíram (e continuam a construir) novos sentidos.

Por fim, uma via de acesso se abre nesse caminho aqui questionado: pensar a produção literária brasileira produzida em Mato Grosso de forma translocalizada, ou seja, sem adjetivá-la, mas no sentido plural dos deslocamentos e das significações, possíveis pelas mudanças dos sistemas operacionais com os quais trabalhamos. Acredito que não é apenas aliar-se e/ou discutir os conceitos que surgem nas variadas linhas de discussão teórica, mas re-descobrir o papel do intelectual nas instituições de ensino e nos mais variados setores da dinâmica sócio-histórica e cultural, como a que propõe este evento acadêmico: minimizar as distâncias entre a Universidade e a sociedade, compreender a unidade nas diversidades com as quais o mundo tem operado suas transformações.

A primeira dificuldade que se apresenta ao estudioso dessa literatura “de margem” (no nosso caso específico da literatura brasileira produzida em Mato Grosso) é a precariedade das fontes. Não que elas não existam, mas porque não se encontram em circulação. Então, como fazer? De onde partir? É possível pesquisar/estudar um objeto sem a fonte crítica que

lança as luzes sobre esse objeto? O desafio, no entanto, se torna a mola propulsora do estudo, cabendo ao pesquisador a tarefa de construtor: do material e dos arquivos, nem sempre em bom estado de conservação, conformando a teoria e a própria crítica. Dessa forma, estaremos sendo originais. Não porque vamos dizer o novo (o que ninguém disse ainda), mas por irmos à origem, “inovando as formas do fazer”, como propôs Benjamin Abdala Junior em conferência proferida neste evento.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Inês Parolin. **A nação em 'A Violeta'**: um projeto de leitura. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas-SP [s.n.], 2003.

ANDERSON, Benedict [1983]. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor G. **A socialização da arte**. São Paulo: Cultrix, 1984.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloiza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2 volumes. 8 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 (169-196).

CARVALHO, Carlos Gomes de. **Panorama da literatura e da cultura em Mato Grosso**. 2 volumes. Cuiabá: Verdepantanal, 2004.

HALL, Stuart [1992]. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. Silva & Guacira L. Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE Mário César Silva. Literatura, regionalismo e identidade: cartografia mato-grossense. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Mapas da mina**: estudos de literatura em Mato Grosso. Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005 (219-254).

MAGALHÃES, Hilda G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá-MT: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens [1970]. **História da literatura mato-grossense**. 2 ed. Especial. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2005.

PÓVOAS, Lenine C. **História da cultura mato-grossense**. Cuiabá-MT: Ed. do autor, 1982.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RAMA, Angel. Regiões, Culturas e Literaturas. In: AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra G. T. **Angel Rama: literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001 (281-336).